



## DESEMPREGO JOVEM



Responder à oportunidade digital exige talento, não chegam cursos superiores  
FOTO TIAGO MIRANDA

**O desemprego não é um fenómeno conjuntural. Uma das explicações é a rigidez do mercado de trabalho em diversos países europeus. Mas há algo mais estrutural, pois até nos EUA tem subido vertiginosamente**

O problema do desemprego jovem persiste. Segundo dados do INE (via Pordata), em 2016, a taxa de desemprego entre portugueses com menos de 25 anos era de 23%. Isto é menos do que os 38% do auge da crise, mas continua sendo um valor muito elevado.

Há uma teoria de que o problema do desemprego jovem resulta da explosão do ensino universitário: o número de alunos matriculados no ensino superior, que era inferior a 100 mil em 1980, passou para lá dos 400 mil durante os primeiros anos do século (dados do MEC, via Pordata). Um acréscimo tão rápido em tão pouco tempo (uma geração) não poderia deixar de implicar custos de ajustamento.

No entanto, a taxa de desemprego entre os licenciados continua significativamente abaixo da taxa de desemprego entre os não licenciados. Aliás, se houve alguma alteração foi que, em média, a posição relativa dos licenciados melhorou um pouco.

Há também quem diga que isto é um problema da crise de 2008, que em Portugal foi prolongada pelo período de "austeridade" do programa da *troika*. No entanto, a magnitude relativa da taxa de desemprego dos jovens tem vindo a crescer paulatinamente desde o princípio do século, "independentemente" da crise. O desemprego cresceu muito em 2011-2013, mas isso foi um problema para todas as idades. Por outras palavras, o problema do desemprego dos jovens não é um fenómeno conjuntural.

Uma explicação em que vários autores têm insistido é a rigidez do mercado de trabalho, a rigidez de um sistema que protege o empregado mas não o emprego: por cada emprego artificialmente protegido destrói-se mais do que um emprego que um jovem de 25 anos poderia ocupar. Não é por acaso que, a nível europeu, as piores condições para o emprego jovem se encontram nos países com leis laborais mais restritivas.

Sem prejuízo desta explicação, penso que há aqui algo de mais estrutural. Aliás, nos Estados Unidos, um dos mercados de trabalho mais flexíveis do mundo ocidental, a taxa de desemprego jovem tem subido vertiginosamente, especialmente entre os de menor nível educacional.

A narrativa mais simplista deste problema estrutural é que a globalização tem destruído inúmeros empregos em países como os Estados Unidos ou

Portugal. Em sentido estrito, isto é verdade. Quantos empregos no sector têxtil português, por exemplo, foram "roubados" pelos países asiáticos? No entanto, temos de ver estas mudanças em perspectiva. Em 1980, o emprego português estava igualmente dividido entre os sectores primário, secundário e terciário. Em 2016, o sector agrícola corresponde a menos de 7% da população activa. Em três décadas, o progresso tecnológico e a globalização "mataram" quase um milhão de postos de trabalho no sector agrícola!

Embora a desertificação do interior seja um problema grave, não vimos e não vemos muitos protestos pela diminuição no emprego rural, e por um motivo simples: o crescimento dos outros sectores mais do que compensou a quebra no primário.

**Uma perspectiva optimista sobre o século XXI é que se dará um ajustamento no emprego semelhante ao do século XX**

Uma perspectiva optimista sobre o século XXI é que se dará um ajustamento semelhante ao do século XX. Sim, haverá alguns custos no processo de transição, mas no final estaremos todos bem e olharemos para o ano 2000 com alguma nostalgia: "Um terço da população na indústria, a fazer coisas, imagine-se!"

A situação actual do emprego sugere e que a transição a que assistimos será mais difícil e dolorosa. Uma coisa é o filho do José, lavrador alentejano, vir para Lisboa servir ao balcão dum café. Outra coisa é pedir a um trabalhador manual do sector têxtil que transite para o sector hoteleiro, onde terá de entrar dados num iPad ou, pior ainda, escrever um programa em Python para analisar padrões da procura.

Gostaria de poder dizer que tudo se resolve com educação e treino. No entanto, responder ao desafio da era digital é mais do que uma questão de cursos superiores: é em grande parte uma questão de talento inato. E assim chegamos a uma das maiores mentiras, frequentemente apreçada pela direita "libertária": que a economia de mercado livre é um sistema de igualdade de oportunidades. Nunca foi e muito menos o será neste século.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da AESE

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia